

Sôbre a estada do professor Georges Lapassade entre nós.



Georges Lapassade e René Lourau são dois professores de Universidade na França que têm tentado uma aboragadem do funcionamento das instituições em termos de Análise Institucional. A eles devemos a introdução do termo (tese de Lourau intitula-se "Analyse Institutionnelle") e um certo número de textos tanto teóricos como de ~~prá~~ aplicação dessa modalidade de intervenção ao nível das instituições. Esta uma primeira razão para que se faça menção dos nomes dos dois professores franceses num número da revista de Cultura Vozes dedicado à Análise Institucional.

Acresce que Georges Lapassade veio ao Brasil a convite da Universidade Federal de Minas Gerais num programa de cooperação com o Serviço Cultural da Embaixada da França no Brasil. Portanto, nada mais justo do que mencionar o trabalho que este professor realizou entre nós. Esteve ele igualmente no Rio de Janeiro e aqui teve contato com vários colegas interessados em Análise Institucional. A menção que se faz a Lapassade é também devida ao impacto que sua permanência causou em muitos inclusive o autor desta nota.

Não pretendo fazer um resumo histórico em se tratando de Análise Institucional, mas seria interessante lembrar que o trabalho psico-sociológico na França encontra seus principais representantes ~~entre~~ ^{em} Max Pagès atualmente na Universidade Dauphine, André Levy da Universidade de Nancy, colaborador e secretário geral da "Association pour la Recherche et l'Intervention Psycho-sociologique" (ARIP), ~~entre~~ Jacques Ardoino membro de um outro grupo de profissionais conhecido pelas iniciais A.N.D.S.H.A., Didier Anzieu da Universidade de Paris também colaborador na ~~mesma~~ associação acima mencionada, Anne Ancelin-Schutzenberger na Universidade de Nice diretora do Grupo francês de Sociometria, e outros que deixo de mencionar. O movimento de Maio 1968 abalou em seus fundamentos teóricos todos estes profissionais. Também as associações que formavam

2

sofreram o impacto da reflexão a que foram levados os especialistas em Ciências Humanas na mesma época. Todos estes psico-sociólogos tinham recebido influência diretamente ou indiretamente de Moreno, Rogers, Freud, Lacan. Georges Lapassade e René Lourau talvez menos comprometidos com o status de profissionais da psico-sociologia, ambos com experiência de Pedagogia, trazendo de alguma maneira formação sociológica, (1) os dois se viram a ~~vontade~~ vontade para introduzir uma abordagem que se beneficiava das contribuições presentes no panorama aqui descrito, e das inovações sugeridas no bojo ~~da~~ da contestação de Maio 1968, assim como da crise por que passa a Psicologia na França desde aproximadamente 1960. Vejam-se inúmeras publicações, entre estas Revue de Philosophie de la France et de l'Etranger, N. 1, 1971, Janeiro/Março, número dedicado a reações causadas por circular enviada aos professores de Psicologia e Sociologia no Ensino Superior.

Creio que Georges Lapassade depois de um entusiasmo passageiro pelas teorias de Jacques Lacan pôde em associação com Lourau definir melhor sua contribuição. Da época de aplicação dos conceitos de Lacan restam algumas páginas de "Organisations, groupes et institutions". Não foram muito felizes as transcrições ~~das~~ das noções de significante e significado que agora encontravam a denominação adaptada de "~~instituant~~" e "~~institué~~". Claro que as noções de "instituinte" e "instituído" poderiam permanecer, não sendo de grande utilidade ~~no~~ no respaldo da Linguística Estrutural via lacanismo. Na época em que Sartre publicou a "Critica da razão dialética" também Lapassade tomou-se de entusiasmo e logo viu uma possibilidade de fundamentar um pouco mais a Psico-sociologia tão combatida pelas críticas que o próprio ~~que~~ tem feito. ~~Adaptou~~ Adaptou o modelo sartriano à Dinâmica de Grupo que era a forma de intervenção que se conhecia na época para os trabalhos de reflexão sobre o funcionamento dos grupos. Mas, foi em torno do grupo que sustentava a revista "Arguments" ~~que~~ que Lapassade nos deu os textos mais importantes para a Psico-sociologia antes de elaborar a Análise Institucional, tal como ela aparece hoje em dia, em seus escritos.

No entanto, acredito (não sei se o interessado concordará comigi) que O melhor de Lapassade está em seus textos inspirados em certo surrealismo e escrita espontânea. O poeta do "Boïdel Andalou" , o artista de "Le livre fou" nos convence mais do que o sociólogo de "Chaves para a Sociologia" ou o analista de ~~L'arpenteur~~. "L'arpenteur".

Foi comt toda essa bagagem que Lapassage chegou ao Brasil. Faltou mencionar sua primeira, mas não menos importante vinda ao Brasil. Aqui chegou com o ^{Living} ~~Living~~ Theater" na época do Congresso de Psicodrama em São Paulo. Logo aprendeu rudimentos de Português e sempre fez questão de dispensar tradutores , mes - mo quando não entendia bem o que se passava nos grupos onde tra - balhou (o que provavelmente dificultou ainda ^{mais} a tarefa que teve por ~~vezes~~ ^{vezes} que enfrentar). Quero dizer que é um personagem contro - vertido. Creio que seu trabalho se ressent de uma formação clínica ~~insuficiente~~, ao mesmo tempo em que questiona o cerne da questão (Pode o particular analisar o geral?). Tenderia no mo - mento para uma espécie de "Schizo-análise" "avant la lettre". Avant la lettre, digo antes que Deleuze e Guattari teorizassem o tema e nos dessem o importante documento que é "L'anti-Oedipe". Não me consta que Guattari faça "Schizo-analyse" como êle prevê no seu livro. Quanto a Deleuze é um professor de Filosofia e nunca passou por um hospital, muito menos por um consultório ou clínica. Pois bem Lapassade faz Esquizo-análise, eu o vi fazer em Bruxelas e depois no Brasil. Nesse sentido, eu reencontro a poeta surrea - lismo , o artista, o inovador, o criador. Mas, a "Schizo-analyse" ainda é um projeto, uma inspiração. Nem sempre encontramos condi - ções para tal tipo de trabalho. Lapassade descobriu que fazia "Schizo-analyse" (não deu êste nome) aqui no Brasil, quando de seu último estégio entre nós. Daí talvez a dificuldade que experimen - tamos em enfrentar com êle o dia-a-dia do trabalho em institui - ções. Um dia me senti ultrapassado e escrevi um bilhete de duas linhas me desculpando. Nunca mais o vi.

4

Creio que o livro científico é uma prisão para êle. Assim como o trabalho analítico, na medida em que êste gênero de intervenção isola o desejo do analista e o aborda em "vase clos". No entanto, este drop-out (que passa por mendigo em um café em Paris quando se dirige a amigos em uma outra mesa que não a sua - o garçon acorreu pressuroso para evitar que o clochard importunasse os professores de gravata ... colegas de Lapassade), membro ativo ~~em~~ ~~de~~ movimentos liberadores na revolução sexual que se alastra pelo mundo, tem sido ou foi (pouco importa) um "scholar", um "sorbonnard" a toda prova. ~~Maximilian~~ ~~W~~ A agregação foi apresentada com todo carinho, e sua tese "L'entrée dans la vie" elogiada pelo rigor de pensamento. Tem dificuldade de se despedir e está sempre querendo ficar sozinho! Veja-se o episódio por êle vivido e relatado (Bordel Andalou) sobre sua aventura kafquiana nos meandros da burocracia universitária francesa. Minha hipótese é que êle provocava um pouco aquela situação. ~~Maximilian~~ ~~W~~ Um dia me disse: "naquela época conseguia escrever" - época em que a administração o tinha confinado em uma sala minúscula da universidade em Tours.

Sua permanência no Brasil levou a mim e meus colegas a uma intensa e sofrida reflexão sobre nossa prática profissional, sobre os incoerentes que se escondem nas boas relações de um programa de cooperação cultural... sobre o precário estado em que se encontra a Psicologia, sobre os fenômenos religiosos no Brasil, sobre a pobreza ~~de~~ de nossa reflexão enquanto não está voltada para problemas nacionais.

Um dia em Belo Horizonte se viu convidado a não fazer mais perguntas (e eventualmente se retirar) aos umbandistas que já se mostravam irritados com a "impudência" (veja-se uso coloquial que assume a palavra em Minas). Nesse sentido, é um colonialista como outros que já vi na universidade ou em programas de relações culturais. Não espera, desmascara o informante, deixa de obter a informação. Em Análise Institucional tende a fazer o mesmo: a isso chama explicitar o desejo, antes de

analisar a demanda. Ora, analisar a demanda é a primeira regra da Análise Institucional que êle mesmo juntamente com Lourau ajudou a definir e até ponto codificar.

A sua "imprudência" , como dizia há pouco, é a o cacoete do militante. Nesse sentido, considero-o tradicional, "quadrado", e um chato. Quero dizer apesar de todas inovações, criações, invenções, conserva-se um militante. Quer convencer, não tem a alegria ~~de escrever~~ (meu filho definiu bem o problema, um dia dia, comentou: Lapassade nunca ri!), não conhece o "prazer de escrever" (R. Barthes), não escolhe o momento para intervenções, pode-se se tornar importuno, pede contas e dar lição de moral, está sempre com os "copains"... Enfim, se fizesse a "schizo-analyse" de seu militantismo veria que um professor visitante volta ao seu país, sem grande dificuldade, e que os colegas do país visitado ficam enfrentando a rotina, o desgaste do dia a dia, as dificuldades próprias de cada época, que não sabemos fazer outra se não aquelas que fazemos, que não vamos abandonar a universidade, nem o consultório, nem a Análise Institucional... nem os grupos a que pertencemos, nem aqueles a que nos referimos. No entanto, sua sensibilidade para com certos aspectos da religiosidade no Brasil, me parecem, extremamente felí - cundos. Seu livro escrito em co-autoria com Marco ~~xxxxxxx~~ ^{Aurélio} me parece de uma felicidade rara. Claro foi buscar em estudiosos brasileiros muitas ideias que expõe no livro, mas estou querendo dizer que tem muita sensibilidade e soube pesquisar em pouco tempo recolhendo o material necessário. Talvez encontre na "transe" o seu modo de viver... Um dia falou: o povo é Oxalá. Falou e disse.

Celio Garcia

Janeiro 1973

Belo Horizonte

Um ano depois de Bruxelas.